

Opinião Econômica

Marcos Mendes

Economista, pesquisador associado ao Insper, é autor de "Por que é difícil fazer reformas econômicas no Brasil?", e colunista da Folha de S.Paulo

banrisul

Lula atravessará o Rubicão?

Não temos âncora fiscal e podemos perder a monetária

Desde seu primeiro mandato, Lula adota comportamento dúbio na sua relação com o Banco Central. Por um lado, concede autonomia (mesmo antes de estabelecida em lei) para que a autoridade monetária busque o controle da inflação. Por outro, mantém uma política fiscal expansionista, que obriga o BC a subir os juros. Critica o BC por isso, acusando-o de sabotar o crescimento.

Essa estratégia evita, em primeiro lugar, que a inflação dispare, o que prejudicaria a sua popularidade. Em segundo lugar, fica à vontade para fazer expansão fiscal, atendendo seu eleitorado com programas de apelo eleitoral, pois sabe que o BC segurará as pontas, usando o freio da política monetária.

Em terceiro lugar, fala aquilo que o seu público cativo quer ouvir, ao fazer discursos contra o BC e o mercado financeiro, associando juros altos a ganância, terceirizando a culpa pelas mazelas econômicas do País.

Esse modelo, embora seja bem-sucedido para garantir a sobrevivência política do Presidente, tem alto custo para o país. A imagem muito usada pelos analistas é a de um carro em que se pisa no acelerador (a política fiscal) e no freio (a política monetária) ao mesmo tempo e com força. O carro anda pouco e aos solavancos, gasta muita gasolina, deteriora os freios e pode fundir o motor.

A dívida pública, das famílias e empresas cresce no galope dos juros altos. O investimento cai. A prodigalidade fiscal, orientada pela busca de votos, gera políticas públicas de qualidade cada vez pior, incapazes de eliminar a pobreza e garantir mobilidade social.

Quanto maior a dívida, mais oneroso fica cada ponto percentual a mais nos juros. Esse modelo não pode continuar para sempre. Uma hora vai parar.

Há duas formas de isso acontecer. A primeira, seria fazer reformas fiscais suficientes para estancar o crescimento da dívida. A segunda, seria afrouxar a política monetária, na esperança de que a queda dos juros estimule o crescimento do PIB e alivie o custo fiscal.

A primeira opção contraria o DNA político do Presidente e de seu partido. Ademais, o ajuste fiscal necessário se tornou grande e politicamente difícil. Ajustes graduais não resolvem. O PT não consegue ir muito além do pífio puxadinho fiscal apresentado esta semana.

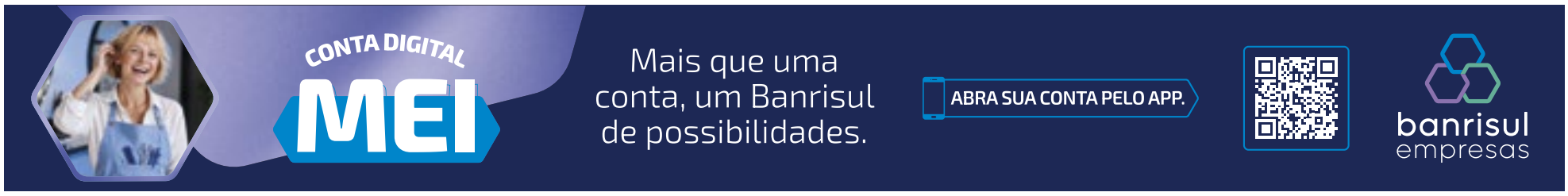
A segunda opção se torna tentadora. Basta indicar para o BC diretores dispostos a serem lenientes com a inflação. Sequer seria preciso mudar a meta ou revogar a autonomia do BC.

Das nove cadeiras da diretoria do BC, Lula poderá indicar 4 até o final de fevereiro. E mais duas até o final do ano. Adeptos da flexibilização monetária nem precisam ser maioria no Copom. A simples abertura de dissenso torna mais difícil a ancoragem das expectativas de inflação.

Nesse caso ficaríamos, ao mesmo tempo, sem âncora fiscal e monetária. Uma crise estaria contratada. Começando com o aumento da inflação, a saída de investidores estrangeiros, depreciação cambial.

Haveria aumento dos juros de longo prazo, em decorrência do aumento de risco, a despeito da redução de juros de curto prazo pelo BC, como ocorreu na redução forçada de juros no governo Dilma.

Resta saber se Lula está disposto a mudar seu relacionamento dúbio com o BC e cruzar o Rubicão que levará à perda da âncora monetária.



Construtora estreia na Região Metropolitana de Porto Alegre com torre de saúde

ANUÁRIO DE INVESTIMENTOS DO RIO GRANDE DO SUL

Eduardo Torres
eduardo.torres@jc.com.br

Com investimento previsto de R$ 24,5 milhões, a construtora Bolis, de Marau, no Norte gaúcho, deu início às fundações de seu primeiro empreendimento na Região Metropolitana de Porto Alegre. Batizado de Vivace, o edifício corporativo será dedicado às áreas de saúde e bem-estar e ficará localizado na Rua Benjamin Constant, no Centro de Gravataí. A conclusão da obra está prevista para junho de 2029.

Segundo o diretor da empresa, Matheus Hickmann, o empreendimento terá 5,7 mil metros quadrados de área construída, distribuídos em 11 pavimentos. As unidades serão projetadas para abrigar consultórios, clínicas e lojas no térreo, com foco em atividades relacionadas à saúde e ao bem-estar, como medicina, fisioterapia, ioga e pilates.

"Nossa ideia é termos em Gravataí um hub não só de saúde, propriamente dita, mas de bem-estar, que converse muito com o estilo de vida das pessoas hoje. Teremos tanto consultórios médicos quanto estruturas que garantam a vida saudável", explica Hickmann.

A abertura das vendas de unidades ainda não foi definida, mas a Bolis já conversa com clínicas e redes de farmácias. Estas, com a possibilidade de ocupar a estrutura de lojas que serão criadas no térreo. Os consultórios e clínicas terão de 34 a 207 metros quadrados. Serão 48 consultórios e seis espaços para clínicas. No térreo, quatro lojas com até 183 metros quadrados.

Criada há 18 anos, a Bolis é uma empresa familiar, com atuação, até agora, somente em Marau. Lá, três empreendimentos residenciais de alto padrão já entregues até 2023. A entrada no ramo corporativo e na Região Metropolitana são novidades, mas não acontecem por acaso.

BOLIS/DIVULGAÇÃO/JC



Conclusão do empreendimento está prevista para junho de 2029

"Durante muito tempo, Jair e Marisane Bolis - casal fundador da empresa - moraram em Gravataí e foi na cidade que tiveram uma filha. No momento de definir um investimento na região, a cidade foi uma escolha natural pelo crescimento que vem tendo, especialmente com o avanço das grandes condomínios horizontais. É um público que cada vez procura mais pelos serviços que o nosso empreendimento vai possibilitar. Além disso, Gravataí é uma cidade com um ambiente muito convidativo aos negócios", explica o diretor.

Ficha técnica

- **Investimento:** R$ 24,5 milhões
- **Estágio:** em execução até 2029
- **Recurso:** privado
- **Empresa:** Bolis
- **Cidade:** Gravataí
- **Área:** Empreendimentos imobiliários

Nos planos da Bolis, está um próximo projeto de alto padrão em Marau, mas os olhos também estão voltados para a nova região de atuação.

"Temos percebido a temperatura do mercado a partir do Vivace e estamos observando oportunidades e terrenos na região para futuros empreendimentos, não necessariamente corporativos. A empresa tem atuação consolidada na área residencial de alto padrão e, futuramente, poderemos também entrar neste setor na Região Metropolitana", comenta.